



OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO AUMENTO DA DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL

MAYARA CRISTINA VARGAS¹; DIRLEI DE AZAMBUJA PEREIRA²;
NEIVA AFONSO OLIVEIRA³

¹Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq -
Universidade Federal de Pelotas – vargasmayaracris@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pereiradirlei@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – neiva.afonso.oliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O escopo deste trabalho é problematizar alguns dos impactos da Pandemia de Covid-19 no aumento da desigualdade social no Brasil. Em uma sociedade de classes, nos momentos de crise, como é o caso do problema sanitário vivenciado atualmente, a população que mais sofre é aquela que pertence à classe trabalhadora. Diante do cenário em exame, é facilmente perceptível que a desigualdade social se acentuou no Brasil. As condições básicas para a manutenção da vida ficaram ainda mais precarizadas, trabalhadoras e trabalhadores foram demitidos e a dificuldade de acesso à saúde pública e de qualidade se tornou evidente. Assim, conforme os índices de contágio foram crescendo em todo o país e as medidas de distanciamento social foram aplicadas, aumentou significativamente o número de famílias e crianças em situação de vulnerabilidade social. Neste escrito, uma investigação de matriz bibliográfica, buscamos problematizar esse fenômeno e provocar algumas reflexões que permitam compreendê-lo no contexto modelo social de classes.

2. METODOLOGIA

O aporte metodológico desta investigação é o bibliográfico. Com efeito, tomamos as contribuições de MACEDO (1994, p. 13) quando assevera que a pesquisa bibliográfica almeja encontrar informações e selecionar os “documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses, etc.)”. Integra ainda esta opção metodológica o “fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final)” (MACEDO, 1994, p. 13). Portanto, no estudo em questão, integra essa seleção obras e artigos científicos que nos auxiliem a compreender o fenômeno da desigualdade, acentuado pela Pandemia de Covid-19, no contexto da sociedade de classes. MARX e ENGELS (1990), MINAYO e FREIRE (2020), ROUSSEAU (1983) e VIANA (2012) compõem o referencial teórico que subsidiará as discussões apresentadas nesta investigação que se encontra, ainda, em sua fase inicial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cenário atual da Pandemia de Covid-19, além do triste número de mortes que produziu, acentuou o aumento da desigualdade social no Brasil. Em uma sociedade de classes, frente a uma grave crise sanitária como esta, o abismo entre aquelas/aqueles que pertencem às classes populares e aquelas/aqueles



que compõem a burguesia ficou ainda maior¹. Observamos que, durante a Pandemia de Covid-19, muitas trabalhadoras e muitos trabalhadores ficaram sem seus empregos e, além de serem *jogados* para a informalidade, suas famílias perderam as condições necessárias para o sustento de todas/todos que residiam em suas casas. A questão do déficit habitacional no Brasil, outro aspecto a ser considerado, se agravou nessa crise sanitária e social. Sem trabalho formal e sem moradia, a já precarizada e explorada vida das classes populares ficou ainda mais desumanizada. Em face desse panorama, em relevo, nos reportamos à *desigualdade autorizada e consentida*, conforme Rousseau se refere em seu livro *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755).

A desigualdade social, existente entre as classes sociais, está presente na história da humanidade como observam MARX E ENGELS (1990, p. 66) no *Item I – Burgueses e Proletários* do Manifesto do Partido Comunista:

A história de toda a sociedade até hoje é a história de lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou com uma transformação (*Umgestaltung*) revolucionária de toda a sociedade, ou com o declínio comum das classes em luta.

A citação acima evidencia que as classes sociais se encontram em posições opostas nos diferentes modos de produção e no transcurso da história. Em lugares antagônicos, também disputam distintos projetos de sociedade. Frente a este contexto complexo, que é a sociedade de classes, e à crise sanitária vivenciada, o quadro de precarização de manutenção da vida é intensificado. No artigo em que tratam sobre a Pandemia de Covid-19 e as desigualdades na saúde, MINAYO e FREIRE (2020, p. 3556) afirmam categoricamente: “Vivemos uma pandemia global sem precedente em nossa geração”. E na continuidade de suas análises acerca do enfrentamento da problemática, no campo da saúde, ainda ponderam que, em nosso país, a desigualdade social “é um terreno fértil para a disseminação da COVID-19, dificultando o isolamento social, restringindo acesso a insumos básicos para higiene e proteção, e dificultando a própria assistência aos serviços de Saúde” (MINAYO; FREIRE, 2020, p. 3556).

Utilizando a metáfora da *tempestade*, MINAYO e FREIRE (2020, p. 3556) atentam que continuamos “juntos na tempestade, mas não estamos no mesmo barco”. A analogia utilizada para contextualizar o que vivenciam as/os profissionais da saúde nos permite assegurar que as classes populares e a burguesia, também na conjuntura da Pandemia de Covid-19, não estão no mesmo barco.

A desigualdade social, anteriormente referida e que se constitui como um pilar do sistema capitalista, impõe uma segregação que é perceptível, também, no cenário educacional atual com o *ensino remoto*. Crianças têm aulas e atividades on-line para realizar, porém este tipo de ensino explicita a grande diferença entre as/os estudantes que integram as distintas classes sociais. Aquelas/aqueles que pertencem à classe dominante, a burguesia, possuem condições de acesso à internet e a equipamentos adequados. Já as filhas e os filhos das classes

¹ VIANA (2012, p. 150-151) afirma que para Karl Marx “o modo de produção dominante é o que gera as classes sociais fundamentais. No caso do capitalismo, são as relações de produção capitalistas (o modo de produção dominante no capitalismo) que constituem as duas classes sociais fundamentais, a burguesia e o proletariado”.



populares apresentam substanciais dificuldades para a conexão a redes de internet, bem como não possuem equipamentos que permitam a realização das atividades encaminhadas via esse modo de ensino. Portanto, o *ensino remoto* aumenta a desigualdade social e educacional no país, pois uma parte considerável das/dos estudantes de escolas públicas não possui as condições mínimas para acessar essas *aulas*. Encontra-se, na constatação anterior, mais uma face da desumanização produzida e acentuada pela Pandemia de Covid-19 no contexto da sociedade de classes.

O *ensino remoto*, além de contribuir para o aumento da desigualdade, causa também um impacto na vida e nas demandas de trabalho das/dos profissionais da educação. Observamos o aumento significativo das atividades laborais das educadoras e dos educadores, bem como verificamos que foi necessário adaptar rotinas, espaços e vida pessoal para lecionar de modo on-line. É nítido que esse modelo educativo precariza, ainda mais, as condições de trabalho das/dos profissionais da educação.

Em síntese, a desigualdade social, potencializada pela Pandemia de Covid-19, pode ser constatada, por exemplo, nos campos social, econômico e educacional. Já os registros dessa desigualdade, no cotidiano de vida das trabalhadoras e dos trabalhadores, são distintos.

4. CONCLUSÕES

A desigualdade social, um marcador do capitalismo, fica evidente em meio à Pandemia de Covid-19. Neste cenário, as classes populares têm as suas condições econômicas e educacionais ainda mais precarizadas. E torna-se mais distante o acesso a uma educação pública e de qualidade social por parte de suas filhas e de seus filhos.

A análise do quadro, brevemente discutido, nos permite declarar que urge a necessidade de enfrentarmos o problema da desigualdade social, agravado pela crise sanitária que vivenciamos, e disputarmos um projeto de sociedade que atenda aos interesses das classes populares e produza processos humanizadores nos contextos educativos, culturais, sociais e de trabalho.

Cabe lembrar que muitos autores clássicos tematizaram a problemática da desigualdade social e sempre a vincularam à questão da propriedade particular. Tal reflexão revela-se válida até nossos dias porque, numa perspectiva mais abrangente, não é errôneo afirmar que vivemos uma sociedade patrimonialista, excludente e que aparta os indivíduos de acordo com suas posses. O ente *Estado* criado por nós para regulamentar os vínculos sociais eliminando as grandes disparidades sociais que temos é ineficaz e, muitas vezes, atua beneficiando aqueles que já desfrutam de benesses materiais que o capitalismo a eles oferece.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MACEDO, N. D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. 3. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1990.
- MINAYO, M. C. de S.; FREIRE, N. P. Pandemia exacerba desigualdades na Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 9, p.3555-3556, set. 2020.
- ROUSSEAU, J. J. **Do Contrato Social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os**



homens; Discurso sobre as ciências e as artes. Trad. Lourdes Santos Machado; introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

VIANA, N. **A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx.** Florianópolis: Bookess, 2012.